

do movimento associativo de Ciências

AOS ESTUDANTES DE LISBOA

1. 5a feira dia 2, 7 estudantes de Ciências são impedidos de entrar na faculdade. Os continuos-pides afirmam que eles foram expulsos.
Sábado dia 4, mais 13 estudantes são notificados pelos continuos-pides de que estão também expulsos.
No sábado anterior a polícia de choque havia invadido e selado as salas que eram utilizadas pelos estudantes para o desenvolvimento do trabalho associativo, roubando todo o material aí existente.
A partir deste dia a polícia de choque assentou arraiais à porta da faculdade controlando diariamente, com a ajuda de pides e de continuos-pides, a entrada a todos os estudantes.
Esta actuação repressiva das autoridades veio juntar-se à prisão de 3 membros da Direcção da Associação, presentemente a serem torturados nas masmorras da pide em Caxias, e à existência de um mandato de captura para outro elemento da Direcção.
A nível federativo, grande número de estudantes continuam presos, entre os quais membros da Direcção da CPA de Medicina e da antiga Direcção do Técnico e o colega La mego (ferido numa perna quando tentava desarmar o pide que assassinou Ribeiro Santos).
4 estudantes do Industrial foram impedidos de se matricular sob a alegação de "inadaptação à disciplina interna do instituto".
2. Porquê esta vaga repressiva que se abateu nos últimos dias especialmente sobre Ciências.

Face ao assassinato do camarada Ribeiro Santos, face as prisões de numerosos estudantes, face as torturas a que estes estavam a ser submetidos, os estudantes de Ciências só tinham uma posição correcta a tomar: aceitar as decisões do Plenário dos estudantes de Lisboa, que decretou greve em toda a academia.

As autoridades desejosas de abafar a nossa justa revolta, incomodadas com a informação à população, que tem estado a ser levada para diante, tudo tem feito para tentar parar a nossa luta. Por isso, às prisões e as torturas aos dirigentes associativos, seguem-se o encerramento das instalações associativas e as expulsões dos estudantes que mais se destacam nessa luta.

Esta tarefa das autoridades tem vindo a ser facilitada pela actuação de alguns dirigentes associativos que defendendo posições pseudo-progressistas resolveram levar a cabo a tarefa de acabar com a luta que se vinha a desenvolver nas suas escolas. Referimo-nos fundamentalmente à actuação dos dirigentes do Técnico e Económicas, escolas, que pela sua capacidade de mobilização, têm um peso muito grande em qualquer luta federativa que se tente desenvolver.

Quando os estudantes do Técnico e Económicas resolveram acabar com os boicotes, ficaram apenas 2 escolas em luta: Medicina e Ciências. Posteriormente Medicina acabou também por levantar o boicote a exames, sendo actualmente Ciências a única escola que mantém em vigor as decisões do Plenário.

Isolada uma única escola a repressão deu pulos de contentamento. Ficava com as mãos livres para se lançar à tarefa de aniquilar a luta: agora tratava-se apenas de acabar com a luta em Ciências.

E enquanto a repressão avança decididamente em Ciências, os estudantes das outras escolas vão fazendo os seus exames, alheios a tudo o que se passa, fazendo as direcções associativas um conluio descarado com a repressão pois nem sequer têm informa

formado os estudantes sobre as lutas que se têm travado em Ciências (toda a informação tem sido garantida por colaboradores que discordam da orientação das respectivas direcções).

Esta situação de desmobilização foi provocada pelas propostas aprovadas nas R.G.A.s (propostas essas contrárias às decisões do Plenário).

Assim, após a R.G.A. do Técnico, nem uma única organização de informação à população foi feita. Nem uma única luta mais foi travada no Técnico. O mesmo sucedeu em Económicas. Os dois dias de greve só serviram para os estudantes irem para casa preparar-se melhor para os exames.

Tudo isto foi denunciado na altura em que estes dirigentes apresentaram as suas propostas. No entanto os estudantes deixaram-se enganar pelos argumentos utilizados para justificar essas propostas.

A prática veio demonstrar que as críticas feitas por alguns colaboradores nas R.G.As eram críticas justas.

Quais eram os argumentos desses dirigentes e como através deles se mostra a sua traição a luta.

Os dirigentes do Técnico e de Económicas não se atreviam a dizer que a luta não devia continuar. Eles diziam que a informação à população devia continuar, tal como as lutas de rua só que esta luta estava a ser mal conduzida visto que:

1. A greve às actividades escolares não tinha objectivos concretos; era uma greve ilimitada, sendo a palavra de ordem vingança de Ribeiro Santos uma palavra de ordem abstracta.

2. O boicote a exames era uma forma de luta subsidiária e não fundamental neste momento.

3. O boicote a exames estava a ser desmobilizador pois afastava os estudantes da escola e portanto da luta que se estava a travar.

4. Os estudantes do Técnico e de Económicas estavam cansados devido às greves de Maio e Junho.

5. A época de Outubro havia sido uma conquista dos estudantes e, como tal, não devia ser desaproveitada.

Com base nesta análise, estes dirigentes concluíam que a melhor forma de continuar a luta era:

- a) No Técnico, pôr a greve a reboque da reabertura da Associação;
- b) Em Económicas, fazer dois dias de greve e acabar com o boicote.

O que é que a prática nos mostrou? Que a melhor forma de acabar com a luta foi:

- a) No Técnico, pôr a greve a reboque da reabertura da Associação;
- b) Em Económicas fazer dois dias de greve e acabar com o boicote.

Vejamos como isto era fácil de ver a partir dos seus argumentos:

1º argumento: o boicote a exames não tinha objectivos concretos, era ilimitado, e a palavra de ordem "vingança de Ribeiro Santos" é uma palavra de ordem abstracta.

A segunda afirmação é falsa. Nunca ninguém defendeu um boicote ilimitado. Sempre se disse que esse boicote só existiria enquanto houvesse condições que o permitisse levar para diante. Por isso as pessoas que o propunham marcavam novas R.G.A.s e novos Plenários para abordarem estes assuntos e nos quais se discutiriam as formas de continuação da luta. O boicote a exames tinha objectivos concretos tal como foram definidos na altura:

1. Permitir a organização da informação à população
2. Permitir a participação dos estudantes nas lutas de rua
3. Formar novos dirigentes a partir das lutas que se estavam a travar
4. Denunciar o assassinato do Ribeiro Santos junto da população.

Era este o conteúdo da palavra de ordem vingamos Ribeiro Santos que, pelo que vemos não era nada abstracta.

2º argumento: "o boicote a exames era uma forma de luta subsidiária e não fundamental neste momento".

Se bem que a primeira afirmação seja verdadeira, a segunda é falsa. De facto a luta principal era a informação à população mas, tal como a prática nos veio a demonstrar, essa luta não iria para a frente se a greve não fosse mantida. Isto porque os estudantes sobrecarregados com exames e matérias de estudo não estariam disponíveis para organizar e levar a cabo essa luta.

Para além disto a greve ou boicote a exames é uma forma de luta importante que só não deve ser utilizada se estiver a contribuir para atrasar o desenvolvimento da luta.

3º argumento: "o boicote a exames estava a ser desmobilizador pois afastava os estudantes da escola e portanto da luta que se estava a travar!"

Isto é falso. Em alturas de exame os estudantes estão desmobilizados por si, dispersos pelos diversos pontos da cidade e por vezes da província. Nesta situação é bastante difícil reuni-los e fazer com que eles tomem qualquer posição.

Era esta a situação da maioria das escolas na altura do assassinato.

Quem estava a contribuir para a desmobilização não eram os boicotes mas sim as autoridades que encerravam as faculdades e impediam a realização de meetings federativos ocupavam escolas, etc. Nesta situação foi impossível reunir a esmagadora maioria dos estudantes ao longo dessas lutas.

A prova de que assim é veio-se a verificar em Medicina em que durante as lutas que se seguiram ao assassinato houve 2 RGAs com apenas cerca de 50 a 100 estudantes e já depois do Técnico e Económicas terem levantado o boicote, houve uma RGA com cerca de 500 estudantes que decidiu continuar a luta. E se ao fim de uma semana esta luta parou foi devido ao isolamento a que estavam sujeitos.

4º e 5º argumentos: "os estudantes do Técnico e Económicas estavam cansados devido às greves de Maio-Junho"; "os exames de Outubro haviam sido uma conquista dos estudantes e como tal não deviam ser desaproveitados".

Este argumento é bastante curioso! Nós estávamos convencidos que as greves serviam para politizar os estudantes, dando-lhes consciência da sua força e da eficácia de determinadas formas de luta. Afinal parece que as greves que decorreram há 4 meses serviram mas foi para os cansar.

O segundo argumento é um papão que se mostra aos estudantes: "olha que se a malta continua em greve não há mais datas e chumba".

Em vez disso deviam ter mostrado que não se tratava de desaproveitar a época conseguida mas sim de garantir um adiamento dos exames e que isso era possível a partir de posições de força da nossa parte (tal como isso foi possível aos estudantes de Medicina que conseguiram novas datas de exame apesar das posições contrárias de alguns profs)

Que queriam afinal os dirigentes com estes argumentos? Preparar a aceitação das suas propostas por parte dos estudantes, como propostas progressistas. Que nos mostram esses argumentos? Que se tratava de fazer aprovar propostas reaccionárias com argumentos também reaccionários.

Mas dirão alguns estudantes: mas nós conseguimos abrir a Associação. Isso foi ou não uma vitória?

3. A abertura da Associação da Técnico foi uma derrota para o movimento

Isto porque? Se bem que quantas mais Associações estiverem abertas maior será o potencial de que dispomos para levar para diante as nossas lutas, e portanto seja justo e correcto lutar pela reabertura de todas as Associações encerradas, nós não devemos trocar a abertura duma Associação pela paralização da luta.

Isto é: se um estudante é assassinado, se estudantes e dirigentes são presos e torturados, se o governo calunia a nossa luta, nós devemos ficar calados e paralizar a nossa luta se nos derem ma Associação em troca?

Não. Nós não devemos fazer isso. Se o fizermos estamos a atrasar a nossa luta e a fazer o jogo do governo!

Então não foi claro aos olhos de toda a gente que o governo estava interessado em tro

car a Associação pela luta que estava a ser travada? Senão como explicar a ausência da polícia numa escola em que havia boicotes a exames e uma reunião amplamente convocada quando a mesma polícia impede no mesmo dia a realização dum meeting federativo e ocupa e cerca Medicina? Como explicar esta excepção? Como explicar que o Director do Técnico tenha participado na convocação dos estudantes, dizendo que pretendia falar com eles e depois tenha abdicado de o fazer?

A resposta só pode ser uma: as autoridades sabiam o que se ia debater na RGA e estavam interessadas em que uma dada proposta fosse aprovada. Como explicar que acabando a RGA às 5 da tarde às 10 da noite já se soubesse que a Associação ia ser aberta!

Não foram de facto os estudantes pela sua luta quem conseguiu abrir a Associação pois não chegaram sequer a fazer um único dia de greve! Quem abriu a Associação foi o Director Sales Luís!

As "condições necessárias para a reabertura da Associação" de que a Direcção da AEIST falava não podiam ser senão a paralização da luta!

É este significado das RGAs do Técnico e Económicas!

As autoridades sabiam que paralizzando a luta nestas escolas tinham meio caminho andado para poderem acabar com ela definitivamente! Sabiam que as outras escolas isoladamente dificilmente resistiriam. Que os estudantes dessas escolas começariam a pôr questões como aquelas que os estudantes caloiros do primeiro ano de Ciências têm colocado: "se a greve foi decretada em Plenário, poquê só nós em luta neste momento?! Se calhar é melhor acabarmos com ela também!"

A isto tem levado a traição das direcções reformistas que marimbando-se nas decisões de Plenário resolveram isoladamente paralizar a luta nas suas escolas! Quem tem tirado o proveito disso tem sido o governo e as autoridades!

4. A nossa luta deve continuar

Os estudantes de Lisboa não podem continuar impassíveis como se nada estivesse a suceder neste momento!

Nós não podemos levar uma vida normal de aulas e café enquanto dirigentes associativos são presos e torturados!

Nós não podemos levar uma vida normal enquanto o governo tenta esmagar o movimento dos estudantes, expulsando das escolas os estudantes mais activos, aqueles que têm denunciado continuamente o assassinato de Ribeiro Santos!

Os estudantes devem erguer a sua luta informando a população, realizando reuniões de discussão nas diversas escolas, ultrapassando todos quantos o queiram impedir!

Contra o assassinato de Ribeiro Santos!

Contra as prisões e torturas dos dirigentes e estudantes mais activos!

Contra a expulsão dos estudantes das suas faculdades!

Sigamos o exemplo do colega Lamego!

Ergamos e fortaleçamos a nossa luta!

Por um Ensino ao Serviço de Operários
e Camponeses!

Movimento Associativo de Ciências